

**ENCUENTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA – LIMA/PERÚ-ABRIL DEL 2013.****TRATADOS MULTIDISCIPLINARES E A GEOGRAFIA NO COMBATE À FOME: DA LITERATURA DO SÉCULO XX À RECENTE DIMINUIÇÃO DA MISÉRIA BRASILEIRA.**

**José Henrique Rodrigues Stacciarini**  
**Professor Doutor do Departamento de Geografia,**  
**Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão**  
**Cidade: Catalão Estado: Goiás País: Brasil**  
Email: [jhrstacciarini@hotmail.com](mailto:jhrstacciarini@hotmail.com)

**RESUMO**

“Tratados Multidisciplinares e a Geografia no combate à Fome: Da Literatura do Século XX à recente diminuição da Miséria Brasileira” é fruto da conclusão de um Doutorado em Geografia sobre a temática “Fome x Segurança Alimentar no território brasileiro do século XX”, complementado pela pesquisa “Fome da População Brasileira nos últimos 15 anos”. Deste modo, apoiada em diversos autores da Geografia e das Ciências Humanas assim como em dados tabulados pelo IBGE, IPEA, FGV e outros Institutos de levantamentos de dados da realidade sócio-espacial brasileira, esta pesquisa tem como objetivo analisar a problemática em questão, dos últimos 100 anos, desde os artigos de Monteiro Lobato até o mandato da Presidente Dilma Rousseff, a qual lança, em maio de 2012, medidas governamentais prevendo ajuda financeira para mães de baixa renda (classes D e E) com filhos na faixa etária de zero a seis anos, atendidos pelo “Bolsa Família”, complementando programa planejado e criado pelo Presidente Lula durante seu primeiro mandato, com iniciativas conjuntas que buscam, ainda sem sucesso pleno, a erradicação da miséria da população brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia, Pluralidade, Brasil, Fome Miséria.

**EJE TEMÁTICO:** Otros Temas Geográficos.

## INTRODUÇÃO

Refletindo inicialmente sobre as palavras de Menezes (2010:21) que “a alimentação deve ser considerada um direito humano” e tendo por base um debate plural, inúmeros serão os autores e trabalhos pautados na Geografia e nas variadas áreas das Ciências Humanas, voltados para a temática “Insegurança Alimentar, Miséria, Fome, Democracia, Terra, Produção Agrícola e Trabalho” durante todo o Brasil colonial, Imperial e Republicano.

No início do último século (XX), pode-se citar Monteiro Lobato, escritor este que se formou em Direito e tornou-se um dos maiores escritores infantil do Brasil. Antes, porém, ficara muito conhecido pelos artigos que escreveu para o jornal “O Estado de São Paulo”, nos quais se queixa dos matutos do interior, inadaptáveis à civilização-uma espécie de leitura da realidade concreta inspirada no “Individualismo Demográfico”, Neo-Malthusianismo em pleno Terceiro Milênio.

Infelizmente, o artigo com maior repercussão foi sobre o “Jeca Tatu”, personagem criado para descrever o Caboclo com fome sem vocação para nada, a não ser para a preguiça constante. A figura do “Jeca Tatu” tornou-se famosa no Brasil. Posteriormente Monteiro Lobato entendeu que os caipiras eram preguiçosos e barrigudos por motivo de doenças oriundas da extrema miséria a que estavam submetidos. Assim, ele se arrependeu de tê-los ofendidos como se a culpa fossem deles individualmente e não da estrutura social de desigualdades sociais presentes no território brasileiro de 400 anos de expropriação, de concentração de rendas, terras e poder.

Perto do término da chamada “República Velha”, em 1928, o político paraibano José Américo de Almeida torna-se ainda mais conhecido com a publicação do romance denominado de “A Bagaceira”, o qual é considerado por muitos como o marco inicial do romance regionalista do Modernismo brasileiro. Na verdade, aquela trágica história de amor escrita serve ao autor como pretexto para denunciar a questão social do seu estado e da macrorregião do Nordeste como um todo, com destaque especial para as necessidades da população (insegurança alimentar e falta de participação política). De maneira profunda, é feita uma análise da vida dos retirantes que surgem nas bagaceiras dos engenhos de açúcar do nordeste canavieiro, concentrador de terras e de misérias humanas das mais diversas características.

Fundamentadas nas análises do Professor da Universidade Federal da Paraíba (UFP) Joel Pontes, aquele romance foi publicado no momento oportuno e fez oposição ao cosmopolitismo dos autores modernistas da fase inicial, sendo uma importante base para as obras posteriores de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, entre outras. De fato, um dos pontos de destaque do romance é o aspecto sociológico que o coloca como uma obra importante da literatura brasileira. Também um dos maiores escritores do Brasil, Graciliano Ramos estudou em Maceió (AL), mas não cursou nenhuma faculdade. Depois de uma breve estada no Rio de Janeiro onde foi revisor de diversos jornais, enveredou-se pelo jornalismo e pela política no final da década de 1920 para, em seguida, tornar autor de obras extremamente importantes, admiradas, relidas e revisitadas até os dias presentes deste século XXI.

Em verdade, a crise econômica provocada no Brasil pela quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, após décadas exportando café, os abalos sofridos pela população do Brasil em torno dos acontecimentos da Revolução de 1930, o acelerado declínio do nordeste brasileiro condicionaram, na literatura brasileira, um novo estilo mais moderno que se marcaria por uma linguagem mais brasileira e por um enfoque mais direto dos fatos. É neste contexto de adoção de uma visão crítica das relações sociais que Graciliano Ramos publica “Vidas Secas”, em 1938. Retratando fielmente a realidade brasileira da época, o livro em questão, denuncia com

qualidade e rigor as injustiças sociais, a fome e as desigualdades, além de remeter a ideia de que o homem se animalizou sob as condições subhumanas de sobrevivência, perdendo a condição de seres racionais.

Cabe ainda destacar o escritor Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho, o qual nasceu em Recife, em 19 de abril de 1886. Ainda jovem, muda-se para o Rio de Janeiro, onde faz seus estudos secundários. Em 1903, transfere-se para São Paulo, onde inicia o curso de Engenharia na Escola Politécnica. No ano seguinte, interrompe os estudos por causa da tuberculose e retorna ao Rio de Janeiro. Desenganado pelos médicos, passa longo tempo em estações climáticas do Brasil e da Europa, onde toma contato com a poesia simbolista e pós-simbolista. Em toda sua trajetória poética, Bandeira mostra a preocupação com a busca por novas formas de expressão. Sendo assim, cabe destacar que a principal característica da obra de Manuel Bandeira é o emprego do verso livre, muitas vezes infiltrado por forte indignação moral, a favor da vida com mais humanidade.

É dever acrescentar, que ainda antes de 1960, dentro da Literatura Brasileira, um dos grandes nomes que tornar-se-á extremamente conhecido por seus trabalhos em prol de um país e de um mundo com menos fome e mais cidadania: Josué de Castro. Portanto, durante os sessenta anos iniciais do século XX, muitos são os escritores brasileiros da geografia e de variadas formações e estilos que escrevem sobre a temática “Exclusão Social e busca pela segurança alimentar (Políticas de combate à fome e geração de empregos)”.

## **TRATADOS MULTIDISCIPLINARES E A GEOGRAFIA NO COMBATE À FOME: DA LITERATURA DO SÉCULO XX À RECENTE DIMINUIÇÃO DA MISÉRIA BRASILEIRA.**

Vale aqui ressaltar que se as lutas, iniciativas e movimentos pelo fim da miséria brasileira existentes até a década de 1960 são difíceis, o mesmo também deve ser dito para os momentos vividos pelos brasileiros durante todo o Regime da Ditadura instalada no Brasil com o Golpe dos Militares, em Março de 1964. São muitos os brasileiros que, por lutarem por mais democracia, são perseguidos e têm de deixar o país. Portanto, Escritores, Compositores, Professores e Pesquisadores de diversas áreas científicas deixam o país natal, indo prestar excelentes trabalhos para as comunidades de outros países.

De um lado, se são muitos os brasileiros obrigados a deixarem o Brasil por serem perseguidos pela Ditadura Militar, por outro, são muitos também aqueles que ficam lutando por uma Anistia Política Ampla, Geral e Irrestrita. Dentre tantos, pode-se destacar o nome de Henfil, cartunista e escritor que, por longos anos, vai se juntar a outros escritores para lutar pela reconstituição dos plenos direitos políticos de todos os brasileiros, inclusive do retorno dos intelectuais exilados da própria ciência geográfica.

Depois de muita luta, a anistia política tão desejada é conseguida e muitos são os escritores e agentes sociais que retornam ao Brasil. Este é um momento de grandes debates no interior da Literatura Brasileira como um todo, independente de áreas científicas específicas. Ainda no Rio de Janeiro, a volta do irmão Henfil e de vários outros exilados responde pela Fundação do IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas), fato que materializa um sonho antigo de Betinho: o desejo de criar uma entidade popular voltada à democratização das informações.

No início da década de 1980, muitas serão as lutas voltadas para a construção de um país com mais participações políticas de base, com democracia de verdade. O Brasil não tem

eleições diretas para Governador das Unidades Federativas, nem para Prefeito das Capitais e Cidades consideradas de “Segurança”. Isto tudo para não esquecer que Eleições Diretas para Presidente da República ainda é um sonho distante, quase não realizável a curto prazo.

Após quase três décadas sem Eleições Diretas para Presidente, ocorre eleição (1989) presidencial livre e direta, na qual a maioria dos eleitores brasileiros escolhe, sob forte influência dos Meios de Comunicação de Massa, um novo Presidente da República – o Sr. Fernando Collor. Não obstante, apesar de fluxos positivos e das vitórias no sentido da Construção da Cidadania, é extremamente difícil falar de um novo governo e de novos movimentos populares sem sinalizar no sentido de tentar entender as novas relações mundiais cada vez mais complexas, bem como interpretar a permanência da miséria e da existência da fome no mundo, em pleno limiar do Terceiro Milênio, sejam os moradores das “vilas miséria” na Argentina, dos “Población Callampo” no Chile, dos “ranchos” em Caracas/ Venezuela, das “Sampanas” em Hong-Kong, nas “favelas” no Brasil urbano ou, ainda nos mais distantes rincões do Norte e Nordeste brasileiro...Quanta pobreza!

Soma-se aqui que, historicamente, apesar de ser extremamente rico em minérios, em riquezas vegetais e em terras agricultáveis, o Estado Brasileiro torna-se cada vez mais frágil às pressões dos grupos mandatários da economia nacional ligados aos interesses da economia das grandes empresas do capital internacional, entre elas as fortes empresas do agronegócio do mundo “mais desenvolvido”. No Território Brasileiro, a questão se complica ainda mais em se tratando de um país carimbado, durante cinco séculos, pela expropriação (com violência!) por parte dos detentores dos meios de produção e pela tortura por parte da Tecnoburocracia Militar instalada no Brasil durante as décadas de 1960, 1970 e início da década de 1980.

Por este caminhar, o saldo desta “cartografia” é marcado pelas ações econômicas desvinculadas das preocupações de ordem social, o que fica evidenciado com os ascendentes níveis de desemprego, com as desigualdades econômicas que se intensificam e com as injustiças sociais crescentes. Em outras palavras, o Brasil – um dos sete maiores PIB do mundo! – possui 31.679.095 pessoas na situação de miséria nas duas décadas finais do século XX (1980 e 1990).

Deste modo, na visão de vários escritores brasileiros, o final da década de 1980 e início da década de 1990 é um momento histórico extremamente rico à medida que muitas transformações sócio-espaciais ocorrem com extrema rapidez, nos mais variados lugares do mundo, colocando em dúvida as velhas divisões teórico-ideológicas que vão sendo substituídos por um discurso clamando por Humanidade. Dentre outros significativos fatos, pode-se citar o massacre de estudantes na China, o desmembramento das Repúblicas Soviéticas, a queda do Muro de Berlim, a “matança” de negros nos Estados Unidos da América e a existência de 900 milhões de pessoas passando por estado de fome crônica nos diversos cantos da Terra, inclusive em “países do norte” ou países “capitalistas centrais”.

No Brasil dentro do contexto do “Impeachment” de Collor, tem-se que, desde os momentos iniciais de Fernando Collor, “Betinho” (Herbert de Souza) indignara-se com o jovem e exibicionista Presidente da República, que derrotou “Lula” (Luis Inácio da Silva) nas eleições diretas de 1989 e que usava a mídia – principalmente a Rede Globo – como bem lhe conviesse. Além dessa triste convivência estabelecida entre um político conservador – com máscara de modernidade – e os meios de comunicação de massa, Fernando Collor assume o papel de defensor do chamado “Neoliberalismo”, anunciando um grande programa de privatizações (leilões de empresas públicas), prometendo, por outro lado, acabar com os “descamisados” deste pobre e faminto país.

Entretanto, o Presidente Collor, antes da realização de um amplo programa de privatizações – exigidas pelo neoliberalismo em curso – precisava deter a inflação de mais de oitenta por cento, herdada do desastroso final de mandato do Presidente Sarney. Para isso, promove, no dia seguinte (16 de março de 1990) de sua posse, o famoso “confisco da poupança” que é considerado inevitável, inclusive por economistas de formação socialista. Um completo fracasso é o resultado do plano de estabilização econômica do Presidente. Já, no primeiro semestre de 1991, Collor vê seu governo ser minado pela inflação em escala crescente, pela recessão, fome e por inúmeras suspeitas de corrupção, o que acaba por gerar crise institucional generalizada no Brasil.

Depois em setembro de 1992, a Câmara de Deputados autoriza – por 441 votos a favor, 38 contra, uma abstenção e 23 ausências – a abertura do processo de Impeachment do Presidente Fernando Collor, imediatamente posto em licença, assumindo interinamente o Sr. Itamar Franco, então Vice-Presidente. Graças à pressão da sociedade brasileira, inclusive de vários escritores, três meses depois – em 29 de Dezembro de 1992, durante sessão do Senado Federal de julgamento do Impeachment – certo da derrota, Collor renuncia à Presidência e perde os direitos políticos por oito anos.

Deste modo, em 1992, vários escritores e significativa parte da população brasileira participam ativamente do Movimento pela Ética na Política (MEP) e do “Impeachment” do Presidente Fernando Collor, o qual fora eleito diretamente pelo voto da maioria da população brasileira. Deste modo, é no contexto da desintegração da União das Repúblicas Socialistas (URSS), da Unificação das duas Alemanhas e, principalmente, da formação de um “Bloco Ético Plural Pró Impeachment” do corrupto Presidente brasileiro que ocorre a fundação da “Ação da Cidadania Contra a Fome”, sob forte inspiração do Sociólogo Herbert de Souza, também conhecido como Betinho.

Assim, o “Bloco Ético Plural” que participa do “Impeachment” do Collor contém líderes e militantes de diversos outros movimentos anteriores. O próprio Herbert de Souza (“o irmão do Henfil”) era um símbolo do Movimento por uma “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita”, estabelecido no final da década de 1970. Vale também destacar a forte presença dos bispos Dom Mauro Morelli e Dom Luciano Mendes que durante toda a década de 1980 lutam por uma Igreja Católica mais progressista e próxima da população excluída das esferas de produção (os desempregados, os indigentes, os sem tetos etc.).

Portanto, o que unifica os mais diversificados segmentos sociais (UNE, IBASE, CNBB, OAB, CUT, Banco do Brasil, CEF, ANDIFES, EMBRAPA, estudantes, professores, partidos políticos, donas de casa etc.) que agora atuam sob a égide da “Ação da Cidadania Contra a Fome e Pela Vida” é a vontade de fazer algo, por menor que seja para aliviar a miséria da sociedade brasileira, seja desde medidas simples emergenciais até amplas políticas estruturais como, por exemplo, a luta pela Reforma Agrária que não quer se calar.

Merece também ressaltar que a exclusão da população é evidenciada – é colocada às claras! – pela publicação do Mapa da Fome do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA). A partir dos levantamentos oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é produzido um “Mapa da Fome”, onde a miséria é expressa espacialmente, é admitida publicamente, por órgãos (IBGE e IPEA) ligados intimamente à Secretaria de Planejamento do Poder Executivo Federal, inclusive nos estados brasileiros que mais produzem e exportam alimentos. Desta forma, se existe um inimigo a ser combatido pela “Ação da Cidadania”, o que vai ser enfrentado é a fome de quase 32 milhões de pessoas indigentes, extremamente pauperizados.

Dentro da ação da cidadania, apesar do Segundo Passo da Cartilha para Formação de Comitês sugerir como ideal, o caminhar das Ações Emergenciais dando origem às Ações Estruturais, percebe-se que a maioria dos cinco mil comitês disseminados por todo território Brasileiro consegue maior êxito com as ações de arrecadação e distribuição de alimentos. Este sucesso inicial da campanha, com ações prioritariamente de arrecadação, não se dá, sem duras críticas de setores ligados à denominada “esquerda”. Após as primeiras críticas e embates, a “Etapa da Comida para quem tem fome” constitui-se o período de maior visibilidade da “Ação da cidadania”.

Frisa-se ainda que, um dos momentos mais delicados dos relacionamentos e das reflexões dos trabalhos desenvolvidos sob a “Ação da Cidadania” é aquele que se vive por ocasião da criação da “Comunidade Solidária”. Betinho, acreditando que “o governo é uma arena de lutas” e que “a sociedade pode conduzir o governo a mudar de rumo”, aceita fazer parte do Conselho presidido pela Primeira Dama Dona Ruth Cardoso. Porém, se isto pode ser verdade, há um ressentimento por parte de muitos quanto ao fato do novo Presidente ter extinguido o CONSEA, sem valorizá-lo com suas respectivas iniciativas. Ressalta-se que não se pode esquecer que sendo, simultaneamente, uma chance e um risco, o político é um espaço do “indecidível”, das ações inesperadas, onde o impossível pode acontecer num minuto.

Dentro desta ótica, o desenrolar dos acontecimentos e as poucas ações efetivas de combate à fome pelo “Conselho da Comunidade Solidária” leva Betinho a rever o seu posicionamento e a pedir demissão levando consigo outros conselheiros que também acreditam em fazer algo pelos 32 milhões de carentes apontados pelos dados oficiais do IPEA e IBGE. Uma vez deixado o “Conselho da Comunidade Solidária”, Betinho e lideranças ligadas ao IBASE incentivam o “Balanço Social das Empresas”, uma idéia já presente em muitos países do mundo, em prol de uma realidade com menos miséria e mais Cidadania.

No interior desta complexidade e dinamicidade, em linhas gerais, não há condições de se afirmar em quanto a “Campanha da Fome” diminuiu a fome de 32 milhões de indigentes. Aliás, este movimento não é planejado, organizado para se ter esse balanço numérico, ou mesmo para substituir ações que são obrigações precípuas do Estado. Entretanto, com certeza, alguma coisa melhorou no país a partir do ano de 1993. Muita comida é arrecadada e distribuída a partir dos milhares de comitês fundados.

No que se refere à geração de trabalho e de renda, foram apoiadas centenas de microempresas e cooperativas. No campo da democratização da terra, a Reforma Agrária é debatida e almejada por militantes da causa, por “intelectuais da esquerda”, por “economistas neoliberais” e até mesmo pela população simples que almeja um país com menos miséria material e política.

Porém, mais do que tudo isto, o maior feito da “Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida” é o de ter, com o apoio de múltiplos autores da Literatura Brasileira, revitalizado este tema para a nação brasileira, de ter escancarado a pobreza material e a falta de cidadania do povo brasileiro. Neste aspecto, “a Campanha da Fome” questiona a ordem estabelecida e indaga o porquê da existência de tanta miséria, seja material, psicológica ou política, num país de enormes e diversificados potenciais.

“A campanha da fome”, posteriormente, vale frisar, no início do terceiro milênio, inspira Políticas de combate a fome tais como o “Programa Fome Zero” e o “Subprograma Bolsa-Família” do Governo Lula, o qual atende 44 milhões de pessoas em 5.561 municípios do Brasil. Sobre isso, para Fonseca et al (2012:07), “durante os primeiros meses da implantação do programa, muitos criticaram que o programa de combate a fome da equipe de Lula era conservador, pois apenas

lidava com o consumo dos beneficiados aos alimentos que compõe a cesta básica. Contudo para outros críticos, retornar ao formato de políticas sociais tendo por eixo a distribuição de vales e cupons representam um retrocesso. Deste modo vale lembrar que, apesar das inúmeras críticas, este projeto, para outras análises, abre os olhos dos brasileiros para a extensão da fome”.

Passados oito anos, políticas de combate à fome foi tema recorrente das eleições presidenciais do segundo semestre do ano de 2010 que teve como resultado a eleição da Presidente Dilma Rousseff do mesmo Partido dos Trabalhadores (PT) do ex-presidente Lula, continuando a promessa de um governo para os mais pobres, para os de pouca instrução formal e de baixas condições de segurança alimentar, inclusive lançando, em maio de 2012, medidas prevendo ajuda financeira para mães de baixa renda (classes D e E) com filhos na faixa etária de zero a seis anos, atendidos pelo “Subprograma Bolsa Família”, beneficiando de imediato, cerca de 2,7 milhões de crianças cujas rendas familiares per capita não atingem 70 reais mensais, “verdadeiros indigentes mirins”.

Cabe repetir as próprias palavras de ROUSSEFF (2012:12) quando ela própria destaca que “fico muito feliz de poder anunciar o Brasil Carinhoso no dia das Mães. É uma forma de reafirmar de maneira ainda mais contundente que nosso governo tem o maior conjunto de programas e de apoio à mulher e à criança da nossa história... A principal bandeira do meu governo é acabar com a miséria absoluta no nosso País. Nem todos sabem que, historicamente, a faixa de idade onde o Brasil tem menos conseguido reduzir a pobreza é, infelizmente, a de 0 a 6 anos”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em pleno ano de 2013, no Brasil ainda existem 16 milhões de miseráveis. Este número, como lembrou a própria presidente Dilma, ao lançar o Programa Brasil Sem Miséria, corresponde à população do Chile. No Maranhão, por exemplo, continua uma extravagância a porcentagem da população que vive abaixo do nível de pobreza, nada menos do que 26%. Para cada 100 maranhenses, 26 são miseráveis. Por tudo isto, Rocha (2012:07) enfatiza que “está em curso o “Programa Brasil sem Miséria”, que não é uma causa apenas da Administração Dilma. É uma causa de todos nós.”

Subalimentação, Fome, Insegurança Alimentar, Miséria Intelectual, Psicológica e Política: esta é a democracia e a economia brasileira dos últimos 500 anos? ... No decorrer do século XX e na primeira década do século XXI, no Brasil, assiste-se a relações mundiais com processos cada vez mais interdependentes. A nova configuração de mundo é marcada significativamente pelas diversas transformações sócio-econômicas e políticas. Nesse período, o Estado Brasileiro torna-se cada vez mais vulnerável às pressões dos grupos dominantes da economia nacional e internacional, num mundo cada vez mais complexo e dinâmico.

Dentro desta complexidade, as consequências desse processo são ações econômicas dissociadas das preocupações de ordem social, o que fica bem evidenciado com os crescentes índices de desemprego, com as desigualdades que se avolumam, com as injustiças sociais em escala ascendente e com os baixos salários pagos aos empregados brasileiros.

Mesmo melhorando muito durante cem anos seguidos, no início do século XXI, o Brasil, apesar de ser uma das maiores nações capitalistas do mundo (7º PIB), possui 54% da população atingida pelos efeitos da insegurança alimentar e tem aproximadamente 16 milhões de pessoas no estado de extrema miséria, apesar de ser paradoxalmente, um dos maiores

países produtores e exportadores de grãos e carnes do planeta nos últimos 30 anos, inclusive atingindo em 2012, a safra histórica de 163 milhões de toneladas de grãos colhidos, armazenados e/ou exportados.

Por tudo isto e em função das argumentações, inicialmente explicitadas, destaca-se como o presente tema está presente nos diversos trabalhos dos escritores brasileiros de variadas formações científicas, sejam elas acadêmicas, jornalísticas e/ou outras diversificadas influências durante toda a produção multidisciplinar da geografia e das Ciências Humanas do Brasil do século XX. Em pleno ano de 1914, por exemplo, o então advogado José Bento Monteiro Lobato que depois se tornaria um dos mais importantes escritores brasileiros da primeira metade do século XX, com o famoso artigo “Jeca Tatu”, já denuncia o estado de fome, de insegurança alimentar e de miséria que vive a maioria da população brasileira excluída das posses mínimas que pudessem garantir uma mínima condição de respeitabilidade.

Na classe política, merece frisar que o paraibano José Américo de Almeida com a publicação, em 1928, do romance “A Bagaceira” com o aspecto sociológico em destaque constitui, para muitos escritores e críticos literários de formações diversas, como base importante para obras posteriores de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, entre outros. Nesta direção, faz-se necessário enfatizar que o livro “Vidas Secas”, publicado, em 1938, por Graciliano Ramos, retrata a realidade brasileira concreta não só da época em que o livro foi editado, como a situação (constante presença da fome) de todo o século XX, pois ainda hoje temos milhões de famintos no território brasileiro, desde as favelas do Centro- Sul até o interior do Norte e Nordeste.

Enfatiza-se ainda, as obras de Manuel Bandeira com o emprego do verso livre, muitas vezes infiltradas por significativa indignação moral como no poema “O Bicho” em que Bandeira denuncia a vexatória posição humanitária em que viviam os homens que se alimentavam de restos de comidas que achavam dentro das lixeiras do meio urbano brasileiro da década de 1940. Da área da geografia médica, não se pode esquecer do escritor Josué de Castro que como conhecedor profundo da miséria brasileira, colocou os seus conhecimentos científicos à serviço da defesa da vida humana dos brasileiros e de cidadãos do planeta durante décadas.

Deste modo, no seio do debate plural das ciências do Brasil sobre a permanência da fome e da busca pela construção de uma democracia de verdade, muitos serão os escritores brasileiros que expressam ou dissertam sobre esta temática no contexto do golpe e da ditadura militar (1960 a 1985). Muitas vezes, durante as décadas de 1960 e 1970, literatura, artes e expressões intelectuais diversas constituem-se um eixo comum de comunicação na luta pela anistia dos brasileiros que “partiram num rabo de foguete” para o exterior como presente na forte denúncia social da música “O Bêbado e o Equilibrista” composta por João Bosco e Aldir Branco, a qual posteriormente ficará extremamente conhecida na voz de Eliz Regina e outros grandes interpretes da música popular brasileira.

Portanto, de formas cada vez mais criativas, os escritores Henfil e Betinho, tornam-se nomes interdisciplinares bastante conhecidos da Literatura Brasileira ao lutarem por mais democracia e justiça social para a maioria da população brasileira. Henfil, por exemplo, publica charges no jornalzinho “O Pasquim” combatendo a centralização da idéia da verdade detida tão somente pelos governantes militares. Herbert de Souza, por sua vez, já era um importante escritor da literatura brasileira não só em nosso país, mas também nos territórios nacionais do Chile, México e Canadá, entre outros países. Entretanto, ao retornar do exílio político, durante as décadas de 1980 e 1990, Betinho torna-se ainda muito mais conhecido pelo engajamento de seus escritos abordando os temas “Redemocratização Brasileira”, “Reforma Agrária”,



“Assistência Médica Pública aos Aidéticos”, “Impeachment do Presidente Collor” e, principalmente, na forte dedicação à “Ação da Cidadania Contra a Fome”.

Em verdade, para além do próprio Betinho, são muitos os escritores brasileiros de diversas áreas e atuações profissionais que ficam ainda mais conhecidos a partir da luta pela ética na política e pela pressão pró “Impeachment” do jovem e corrupto presidente Fernando Collor de Mello. Entre tantos escritores que se destacam na luta por mais democracia e pelo combate ao então presidente, pode-se, entre outros, citar o Escritor Osny Duarte Ribeiro, o Jornalista Barbosa Lima Sobrinho e o Jurista Evandro Lins Silva.

Dentro das ações e das publicações promovidas no âmbito da “Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida”, têm-se que lembrar também os importantes nomes de Cândido Grzybowski e Augusto de Franco como escritores expoentes do debate multidisciplinar sobre “Fome, Miséria e Construção de um País com mais Segurança Alimentar”.

Para concluir, deve-se aqui enfatizar que a maioria dos autores brasileiros analisados sobre o tema multidisciplinar proposto, de alguma forma, deixam claro que, de maneira profunda e crítica, o meio mais legítimo para garantir uma ótima política de combate à insegurança alimentar e para a construção da democracia da população brasileira do Terceiro Milênio consiste num processo justo de desenvolvimento econômico com a correspondente preocupação social ... e não apenas uma simples distribuição de bolsa (“Bolsa família”) para os mais carentes: É preciso avançar muito mais nas ações verdadeiramente estruturais, vencer as desigualdades socioeconômicas seculares.

Refletindo que dos 13,6 milhões de famílias atendidas pelo “Bolsa Família”, cerca de 2,1 milhões ainda continuam na extrema miséria mesmo com as ajudas dos governos Lula e Dilma, ressalta-se que enquanto houver miséria, jamais haverá segurança alimentar plena! Sendo assim, espera-se que a miséria do povo brasileiro seja, a partir do governo Dilma Rousseff, apenas uma triste memória do subdesenvolvimento que ficará para trás. Que as exportações brasileiras de carnes e grãos continuem, mas que a fome de todo território brasileiro desapareça plenamente é o objetivo precípua desta pesquisa, de uma verdadeira construção democrática para nação brasileira.

Acrescenta-se ainda que o Brasil merece uma classe política melhor, sem “mensalão e sem mesalinhos”, para ser pensar, concretamente, o fim das misérias materiais e imateriais deste riquíssimo território... Que uma “nova cultura de vida em plenitude” possa ser gestada para esta nação, com o apoio contínuo e consciente de uma literatura plural, qualificada e de grande alcance social...Em suma, faz-se necessário acabar com a insegurança alimentar ainda presente para a maioria da população.

Convém, por fim, lembrar as palavras de Fonseca et al (2012:12) quando reafirma que “para erradicar a fome e dar novas oportunidades a milhões de brasileiros, ou seja, para garantir um futuro melhor para as pessoas, carentes e miseráveis, que não acreditam no presente, é preciso também que todos os segmentos da sociedade estejam em sintonia trabalhando juntos para que se consiga vencer todos os problemas sociais estruturais (distribuição de renda, combate a corrupção, eleição de gestores qualificados, entre outros) e assim dar a todos a oportunidade de construir uma vida digna com seus direitos respeitados, diminuindo as desigualdades a fim de encontrar novos caminhos para um desenvolvimento mais humano”.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1928. BANDEIRA, Manuel. **Poesias**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1947.
- BLUMENSCHNEIN, Camila. Acima de 25 anos, 49% não tem ensino fundamental. **O Popular/IBGE**. Goiânia/ Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 2012. P. 07.
- BRAIT, Beth. **Leitura Comentada de Manuel Bandeira**. São Paulo: Abril Educação. 1995.
- CHAVES, Nelson. Panorama Nutricional do Brasil. In: LACAZ, B. & SIQUEIRA JÚNIOR, B. **Introdução à Geografia Médica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1975, P. 519 – 542
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. São Paulo: Brasiliense, 1953. COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- DILMA lança novo projeto social para mães carentes. **O Popular/Folha Press**. Goiânia/São Paulo. 07 de maio de 2012. P. 10.
- FONSECA, Gislene dos Santos, MARTINS, Priscila Celeste e STACCIARINI, José Henrique R. **Nove anos do "Fome Zero" dos Governos Lula e Dilma: Diagnósticos, Desafios e Perspectivas**. Catalão: UFG (Geografia 2012) P. 17.
- FRANCO, Augusto de. Conclusão. In: **I Conferência Nacional de Segurança Alimentar**. Brasília: CONSEA, 1995. P. 83-85 (Anais).
- GOHN, Maria da Glória. **Os Sem-Terra, ONGs e Cidadania**. São Paulo: Cortez, 1997.
- GOVERNO quer fim da miséria até 2014. **Agência Estado**, São Paulo, 01 de julho de 2012. P .11.
- HENFIL. **Cartas da Mãe**. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- LOBATO, Monteiro. Jeca Tatu. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, out. 1914. P.05
- MARÇAL, Patrícia Souza Rocha. **O Clube do Povo em Catalão (GO) – 1984 a 2011: histórias contadas, territórios vividos**. Catalão, Universidade Federal, Abril de 2012. 178 páginas (Dissertação de Mestrado em Geografia).
- MENEZES, Chico. A alimentação deve ser considerada um direito humano. **Agência IBASE**, Rio de Janeiro, 31 de maio de 2010. P. 21.
- MENSALÃO desafia meta do poder. **O Popular/ Agência Globo**. Goiânia / Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 2013. P. 12.
- MORAIS, Flávia. Brasil sem fome e miséria. **O Popular**, Goiânia, 25 de maio de 2012. P.12.
- PONTES, Joel. **Pequeno Dicionário da Literatura Brasileira**. João Pessoa: EDUFP, 2001.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Brasiliense 1938.
- ROCHA, Hélio. Vencer a Miséria, Causa de todos. **O Popular**, Goiânia, 08 de junho de 2012. P. 07
- ROUSSEFF, Dilma. Novo Pacote para mães e filhos. **Agência Estado**, São Paulo, 14 de maio de 2012. P.12.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2008. P. 98-151.

SOUZA, Herbert de. O pão nosso. **Veja**, São Paulo, P. 148 - 156, set. de 1993. (especial 25 anos).

STACCIARINI, José H. R. **Pluralidade, Publicização e Multiplicação do Fazer Político: A ação da cidadania contra a fome (1992-1997)**. 2002. Tese (Doutorado) – UNESP, Presidente Prudente.

TERRA, Lygia; ARAÚJO, Regina; GUIMARÃES, Raul Borges. **Geografia Conexões**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2010.